

VENCEDOR DO NATIONAL BOOK CRITICS CIRCLE AWARD  
BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

ANNE  
TYLER

VENCEDORA DO PRÉMIO PULITZER

O  
Turista  
Acidental

«Anne Tyler não é só uma boa escritora...  
é uma escritora extraordinária.»

JOHN UPDIKE



Era para terem ficado uma semana na praia, mas nenhum dos dois estava com grande vontade e decidiram antecipar o regresso a casa. Macon veio a conduzir. Sarah vinha sentada ao lado, com a cabeça encostada à janela. Via-se o céu enevoadado por entre o emaranhado de caracóis castanhos.

Macon vestia um fato de verão formal, o seu traje de viagem — muito mais prático do que calças de ganga, como não se cansava de dizer. As calças de ganga tinham aquelas costuras e rebites duros, desagradáveis. Já Sarah usava um vestidinho de praia sem alças. Era como se estivessem a regressar de duas viagens completamente diferentes. Sarah estava bronzeada, ao contrário de Macon. Ele era um homem alto e pálido de olhos azul-cinza, com o cabelo claro cortado à escovinha, e tinha aquele tipo de pele que facilmente apanha um escaldão. Tinha-se resguardado do sol durante a maior parte dos dias.

Assim que chegaram à autoestrada, o céu ficou quase negro e várias gotas de chuva grossas bateram no pára-brisas. Sarah endireitou-se no banco.

— Esperemos que não chova — disse ela.

— Não faz mal se chover um bocadinho — respondeu Macon.

Sarah tornou a recostar-se, mantendo os olhos na estrada.

Era quinta-feira de manhã. Quase não havia trânsito. Passaram por uma carrinha de caixa aberta e depois por um furgão cheio de autocolantes referentes a uma centena de pontos turísticos diferentes. As gotas no pára-brisas aumentaram, e Macon ligou as escovas. *Tchic-pchuuu*, cantaram. Ouvia-se tamborilar no tejadilho. De vez em quando, levantava-se vento. A chuva açoitava as ervas altas e secas ao lado da estrada. Caía diagonalmente sobre os estaleiros navais, as serrações de madeira e as lojas de móveis por atacado. Tinha tudo um aspeto carregado e soturno, como se por ali já estivesse a chover há algum tempo.

— Consegues ver bem? — perguntou Sarah.

— Claro — respondeu Macon. — Isto não é nada.

Aproximaram-se do atrelado de um camião cujas rodas de trás projetavam uma cortina de água. Macon guinou à esquerda e ultrapassou-o. Houve uns instantes de cegueira líquida, até que o camião ficou para trás. Sarah agarrou-se ao *tablier* com uma mão.

— Não sei como é que consegues ver o suficiente para conduzir — disse ela.

— Se calhar, devias pôr os óculos.

— Se eu pusesse os óculos, tu vias melhor?

— Eu, não. Tu — respondeu Macon. — Estás concentrada no pára-brisas e não na estrada.

Sarah continuou agarrada ao *tablier*. A sua expressão plácida transmitia uma aparência de calma, mas quem a visse com atenção perceberia que os cantos dos olhos estavam tensos.

O carro aconchegava-os como um quarto. As janelas estavam embaçadas pela respiração. Pouco antes, o ar condicionado tinha estado ligado, mantendo-se um resquício artificial de frio, o qual não demorou a ficar húmido e a espalhar um certo cheiro a mofo. Passaram por baixo de um viaduto. A chuva deteve-se repentinamente um segundo. Sarah soltou um sopro de alívio, mas o matraquear no tejadilho regressou imediatamente. Ela virou-se para trás e contemplou o viaduto, nostálgica. Macon continuou em frente, de mãos descontraídas no volante.

— Reparaste naquele rapaz ali de mota? — perguntou Sarah. Teve de levantar a voz; um rugido insistente envolvia-os.

— Que rapaz?

— Estava parado por baixo do viaduto.

— É uma loucura, andar de mota num dia destes — sentenciou Macon.

— Ou noutro dia qualquer, aliás. Fica-se tão exposto aos elementos...

— Podíamos fazer o mesmo. Parar e esperar que passe.

— Sarah... Se achasse que corríamos algum risco, já teria parado há imenso tempo.

— Pois. Não sei se terias — retorquiu Sarah.

Passaram por um campo onde a chuva parecia cair em lençóis, bátega após bátega de água a achatar o milho e a alagar a terra. Grandes rajadas de chuva atiravam-se ao pára-brisas. Macon pôs as escovas no máximo.

— Não sei se te faz assim tanta diferença — acrescentou Sarah. — Faz?

— O quê? — espantou-se Macon.

— Foi uma coisa que eu te disse aqui há dias. «Macon, agora que o Ethan morreu, às vezes pergunto-me se a vida tem algum sentido.» Lembras-te do que tu respondeste?

— Assim de repente, não — admitiu Macon.

— Disseste: «Querida, se queres que te diga a verdade, acho que a vida nunca teve grande sentido.» Foram as tuas palavras exatas.

— Hum...

— E se calhar nem percebes qual é o problema.

— Não, acho que não — disse Macon.

Passaram por uma fila de carros parados na berma da estrada, de janelas opacas. As superfícies metalizadas repeliam a chuva em pequenas explosões. Um dos carros estava ligeiramente inclinado, como se estivesse prestes a cair na torrente lamacenta que corria pela ravina. Macon manteve a velocidade.

— Não me dás lá grande apoio emocional, Macon — queixou-se ela.

— Tento dar, querida.

— Continuas a vida como antes. As tuas pequeninas rotinas e rituais, os hábitos deprimentes, dia após dia. Não sinto apoio absolutamente nenhum.

— Eu não devia precisar também de apoio? — perguntou Macon.

— Não és a única, Sarah. Não sei porque é que achas que foste a única a sofrer uma perda.

— Às vezes, é o que parece — retorquiu Sarah.

Calaram-se. Um grande lençol de água mesmo no meio da autoestrada embateu contra a parte de baixo do carro e fê-lo resvalar para a direita. Macon carregou no travão e continuou a guiar.

— Esta chuva, por exemplo — acrescentou Sarah. — Já sabes que me deixa nervosa. Que mal é que fazia se esperássemos? Estarias a mostrar um pouco de preocupação comigo. Era como se me dissesse que estamos os dois juntos nisto.

Macon fixou os olhos no pára-brisas, o qual parecia feito de mármore, preenchido que estava com os rastros curvilíneos de água.

— Eu tenho um sistema, Sarah — desculpou-se. — Tu sabes que eu tenho um sistema de condução.

— Tu e os teus sistemas!

— Além disso — disse ele —, se não consegues encontrar sentido para a vida, não percebo porque é que hás de ficar nervosa com um aguaceiro.

Sarah afundou-se no banco.

— Olha só para aquilo! — disse ele. — A chuva arrastou uma rulote no parque de caravanas.

— Quero o divórcio, Macon — disse-lhe Sarah.

Macon travou de repente e olhou para ela.

— O quê? — pasmou. O carro guinou. Ele teve de olhar em frente outra vez. — O que foi que eu disse? — perguntou. — Porquê?

— É só que não consigo viver mais contigo — respondeu Sarah.

Macon continuou de olhos fixos na estrada, mas o nariz parecia mais empertigado e pálido, como se lhe tivessem repuxado a pele do rosto. Aclarou a garganta.

— Querida? — disse. — Ouve. Foi um ano difícil. Estamos a passar por uma altura difícil. As pessoas que perdem um filho costumam sentir-se assim. Toda a gente diz o mesmo. Toda a gente diz que é um desafio tremendo para qualquer casamento...

— Quero procurar uma casa para mim assim que chegarmos — disse-lhe Sarah.

— Uma casa para ti — repetiu Macon, mas falou tão baixinho e a chuva batia tão alto no tejadilho, que pareceu que se limitou a mexer os lábios. — Pronto — acrescentou. — Está bem. Se é isso que queres.

— Podes ficar com a casa — ofereceu Sarah. — Nunca gostaste de mudanças, de qualquer maneira.

Sabe-se lá porquê, foi isto que acabou por fazê-la quebrar. De repente, escondeu a cara. Macon fez pisca à direita. Entrou numa estação de serviço da Texaco, estacionou por baixo da pala e desligou o motor. Depois, pôs-se a esfregar os joelhos com as palmas das mãos. Sarah encolheu-se no seu canto. O único som era o tamborilar da chuva na pala, meia dúzia de metros acima deles.

Macon julgava que a casa lhe fosse parecer maior depois de a mulher o deixar. Em vez disso, porém, parecia-lhe mais acanhada. As janelas, encolhidas. Os tetos, atarracados. Havia algo opressivo na própria mobília, como se o estivesse a esmagar.

É claro que os pertences de Sarah tinham desaparecido, pequenas coisas como roupas e joias. Chegou todavia à conclusão de que alguns dos objetos maiores eram mais pessoais do que supunha. A escrivaninha da sala, com as suas pequenas gavetas cheias de tralha dela, envelopes rasgados e cartas por responder. O rádio da cozinha, sintonizado na 98 Rock (ela gostava de ter alguma ligação com os alunos, dizia muitas vezes, enquanto trauteava à volta da mesa do pequeno-almoço). A espreguiçadeira no quintal onde costumava apanhar banhos de sol, instalada no único sítio onde batia alguma luz. Olhou para as almofadas floridas e ficou pasmado, percebendo como um espaço vazio podia estar tão cheio de uma pessoa — os vestígios do cheiro a óleo de coco que lhe davam sempre vontade de beber uma *piña colada*; o rosto largo e resplandecente, inescrutável por trás dos óculos escuros; o corpo apertado no fato de banho com saíote que ela tinha insistido em comprar, muito chorosa, depois do seu quadragésimo aniversário. Ainda havia fios do seu cabelo exuberante no fundo do ralo da casa de banho. A prateleira dela no armário dos remédios (vazia) estava sarapintada de manchas de *blush* líquido de um tom arroxeadado que o fazia lembrar-se imediatamente dos lábios dela, como se estivessem ali mesmo, à sua frente. A desarrumação de Sarah sempre o tinha incomodado, mas, agora, aquelas manchas eram quase comoventes, como brinquedos garridos espalhados no chão depois de uma criança ir para a cama.

A casa era de tamanho médio, sem nada extraordinário, numa rua repleta de casas semelhantes, numa zona antiga de Baltimore. Por cima dela, erguiam-se carvalhos frondosos, resguardando-a do sol abrasador

no verão, mas também amparando os ventos. Os quartos eram quadrados e pouco iluminados. A única coisa que sobrava no armário de Sarah era um cinto de seda castanho pendurado num cabide; nas gavetas da cómoda, bolas de algodão e frascos de perfume vazios. O antigo quarto do filho estava esmeradamente arrumado, assético como o quarto de um Holiday Inn. Nalguns sítios, as paredes produziam uma espécie de eco. Ainda assim, Macon reparou que tinha tendência para colar os braços ao corpo, para passar pelos móveis de lado, como se a casa não conseguisse acomodá-lo. Sentia-se demasiado alto. Os pés, compridos e desajeitados, pareciam-lhe invulgarmente distantes. Baixava a cabeça ao passar pelas portas.

Era uma boa oportunidade para reorganizar tudo, disse a si mesmo. Foi atingido por um pequeno e incongruente sobressalto de entusiasmo. A verdade era que gerir uma casa exigia um certo sistema, e Sarah nunca compreendera isso. Era o tipo de mulher que misturava os talheres ao guardá-los. Achava perfeitamente normal ligar a máquina de lavar loiça com apenas alguns garfos lá dentro. Aquilo perturbava Macon. Para começar, era contra as máquinas de lavar a loiça, em geral; considerava-as um desperdício de energia. Poupar energia era um dos seus passatempos, por assim dizer.

Começou a deixar o lava-loiças cheio de água, com um pouco de lixívia para desinfetar. À medida que usava uma peça de loiça, mergulhava-a na água. Dia sim, dia não, retirava a tampa e passava tudo por água muito quente. Depois, arrumava a loiça lavada na máquina vazia — a qual se tinha tornado, graças ao seu novo sistema, num simples armário.

Quando se debruçava sobre o lava-loiças para usar a torneira de pressão, tinha muitas vezes a sensação de que Sarah o observava. Pressentia que, se desviasse o olhar ligeiramente para a esquerda, a encontraria ali, de braços cruzados sobre o peito, cabeça inclinada e os lábios carnudos e curvilíneos enrugados e meditativos. À primeira vista, estaria apenas a estudar o seu novo método, mas, olhando com mais atenção (tinha a certeza), estava apenas a rir-se dele. Havia um brilhozinho secreto nos olhos dela que lhe era demasiado familiar. «Certo...», diria Sarah, anuindo perante a explicação pormenorizada que ele lhe estivesse a dar; depois, Macon levantaria os olhos e apanhar-lhe-ia aquele brilhozinho trocista e o encolher dissimulado de um dos cantos da boca.

Naquela sua visão de Sarah (se é que se lhe podia chamar de visão, já que ele nunca chegava a olhar para o lado), ela usava um vestido azul-vivo dos primórdios do casamento. Macon não fazia ideia de quando é que ela se teria desfeito desse vestido, mas tinha sido seguramente há vários anos. Quase sentia que Sarah era um fantasma, que estava morta. De certa forma (pensou, fechando a torneira), ela *estava* morta, pelo menos aquela Sarah jovem e animada do primeiro e promissor apartamento de Cold Spring Lane. Quando se tentava lembrar desses dias, toda e qualquer imagem de Sarah era influenciada pelo facto de ela o ter deixado. Agora, ao reviver o momento em que se tinham conhecido (ainda mal saídos da infância), tudo lhe parecia apenas o princípio da separação. Quando ela olhou para ele na primeira noite, chocalhando os cubos de gelo no copo de papel, começaram imediatamente a caminhar em direcção àquele último ano, tenso e miserável, que passaram juntos, àqueles meses em que tudo o que qualquer um deles dizia estava errado, àquela sensação de deslçamento progressivo. Eram como duas pessoas a correr ao encontro uma da outra, de braços abertos, mas às cegas: passam uma pela outra, mas continuam a correr. No fim, o resultado fora nada. Fitou o lava-loiças, e o calor dos pratos tocou-lhe levemente o rosto.

Enfim, a vida continua. A vida tem de continuar. Resolveu mudar o duche da manhã para a noite. Isso revelava uma certa adaptabilidade, pensou — uma certa frescura de espírito. Enquanto tomava banho, deixava a água acumular-se na banheira, criando círculos tumultuosos ao esfregar as roupas sujas do dia com os pés. Depois, torcia as roupas e pendurava-as em cabides, a secar. De seguida vestia apenas roupa interior do dia seguinte, para não ter o trabalho de lavar pijamas. Na verdade, a única roupa que lavava a sério eram toalhas e lençóis uma vez por semana — apenas duas toalhas, mas bastantes lençóis. Isto porque tinha desenvolvido um sistema que lhe permitia dormir em lençóis limpos todas as noites sem ter o trabalho de fazer a cama. Andava há que tempos a propor esse sistema a Sarah, mas ela era tão obstinada nalgumas coisas... O que fez foi tirar toda a roupa de cama, substituindo-a por uma espécie de envelope gigante feito de um dos sete lençóis que tinha dobrado e cosido à máquina. Chamava esta invenção de «Saco para Corpo Macon Leary». Um saco para corpo não precisava de ser entalado, não se amarrotava, era fácil de trocar e tinha o peso ideal para as noites de verão. Teria de arranjar algo mais quente

para o inverno, mas ainda não conseguia pensar nisso. Já era difícil que bastasse viver de um dia para o outro.

Às vezes (quando escorregava nas roupas na banheira ou quando lhe custava a enfiar-se no saco para corpo sobre o colchão despido e manchado de ferrugem), ocorria-lhe que talvez estivesse a ir longe de mais, embora não conseguisse explicar porquê. Sempre tivera gosto pelo método, mas não aquilo que se chamaria de mania. Ao pensar na falta de método de Sarah, perguntou-se se também isso se teria descontrolado. Talvez durante todos aqueles anos se tivessem mantido mutuamente num rumo razoável. Agora que estavam separados, ou de certa forma desmagnetizados, tinham-se tresmalhado por completo. Pôs-se a imaginar o novo apartamento de Sarah, que nunca tinha visto, caótico ao ponto da loucura, com sapatilhas dentro do forno e o sofá a abarrotar de loiça. Só de pensar nisso ficava perturbado. Olhou com gratidão para o que o rodeava.

A maior parte do seu trabalho era feito em casa; de outro modo, talvez não ligasse tanto à mecânica doméstica. Tinha um pequeno escritório no quarto de hóspedes ao lado da cozinha. Sentado numa cadeira de escritório, a bater numa máquina de escrever que já o tinha acompanhado durante os quatro anos de faculdade, compunha uma série de guias de viagem para pessoas obrigadas a viajar em trabalho. Era ridículo, pensando bem: Macon detestava viajar. Sempre que tinha de se aventurar em territórios estranhos, atravessava-os numa espécie de *blitz* desesperado — de olhos bem fechados e respiração presa, a lutar pela própria vida, como chegava a pensar —, e depois regressava a casa com um suspiro de alívio e produzia os seus livros de bolso resumidos, do tamanho de um passaporte. *Turista Acidental em França. Turista Acidental na Alemanha. Na Bélgica*. Sem nome de autor, apenas um logótipo: uma poltrona com asas na capa.

Nestes guias, para pessoas em viagens de negócios que aterravam e partiam logo a seguir, sem ver nada de especial, dedicava-se exclusivamente às cidades. Nem as cidades viam, na verdade. A grande preocupação delas era fingir que nunca tinham chegado a sair de casa. Que hotéis em Madrid ofereciam colchões *Beautyrest king-size*? Que restaurantes em Tóquio serviam Sweet'n'Low? Haveria um McDonald's em Amesterdão? Um Taco Bell na Cidade do México? Algum sítio em

Roma que tivesse raviólis *Chef Boyardee*? Outros viajantes esperavam descobrir vinhos locais com carácter; os leitores de Macon procuravam leite ultrapasteurizado e homogeneizado.

Ainda que odiasse viajar, adorava escrever — os prazeres virtuosos de conferir alguma organização a países naturalmente desorganizados, rasurando o supérfluo e o medíocre, e classificando o que sobrava em parágrafos curtos e certos. Copiava de outros guias, aproveitando pequenos fragmentos com algum valor e descartando tudo o resto. Passava horas agradabilíssimas a hesitar sobre questões de pontuação. Extirpava impiedosamente a voz passiva. O esforço de datilografar fazia-lhe os cantos da boca curvarem-se para baixo, de tal forma que ninguém conseguiria adivinhar o quanto estava a divertir-se. *Tenho o prazer de anunciar...*, ia ele batendo à máquina, com uma expressão carrancuda e concentrada. *Tenho o prazer de anunciar que já é possível comprar Kentucky Fried Chicken em Estocolmo. E pão-pita também*, acrescentou reflexivamente. Não sabia bem como, mas, ultimamente, o pão-pita tinha-se tornado tão americano como os cachorros-quentes.

\*

— É claro que te estás a aguentar — respondeu-lhe a irmã ao telefone. — Nunca disse que não estavas. Mas pelo menos podias ter-nos contado. Já foi há três semanas! A Sarah saiu de casa há três semanas e só fiquei a saber hoje. Por mero acaso, além disso. Se eu não te tivesse pedido para falar com ela, ias lembrar-te sozinho de nos avisar que ela te deixou?

— Ela não me *deixou* — corrigiu Macon. — Pelo menos da maneira como fazes soar a coisa. Discutimos o assunto como adultos e resolvemos separar-nos, mais nada. Era só o que me faltava, ter a família à minha volta a dizer: «Oh, coitadinho do Macon, como é que a Sarah te foi fazer isso...»

— Porque é que eu havia de dizer uma coisa dessas? — retorquiu Rose. — Toda a gente sabe que é muito difícil aturar os homens Leary.

— Hum — disse Macon.

— Para onde foi ela?

— Arranjou uma casa na Baixa — explicou ele. — Mas olha — acrescentou —, também não precisas de a convidar para jantar, nem

nada disso. Ela tem a sua própria família. Acho que o mínimo que podes fazer é ficares do meu lado.

— Pensei que não querias que tomássemos partido.

— Não, não, é claro que não quero. Enfim, o que estou a tentar dizer é que não devias tomar o partido *dela*.

— Quando a mulher do Charles lhe pediu o divórcio — redarguiu Rose —, continuámos a convidá-la para jantar todos os Natais, como sempre. Lembras-te?

— Lembro — admitiu Macon, cansado. Charles era o irmão mais velho.

— E calculo que ela continuaria a vir se não se tivesse casado outra vez e ido morar para tão longe.

— O quê? Se o novo marido fosse de Baltimore, eras capaz de os convidar aos dois?

— Ela, a mulher do Porter e a Sarah costumavam sentar-se na cozinha (isto antes de a mulher do Porter também lhe pedir o divórcio) e ficavam as três a falar sem parar dos homens Leary. Ah, os homens Leary isto e aquilo: que tinha de ser tudo exatamente como eles queriam, sempre muito bem pensado com antecedência, e que o mundo tinha de se vergar aos desejos deles, como se o conseguissem manter na linha. Os homens Leary! Parece que ainda as estou a ouvir. Sempre me fartei de rir com aquelas conversas. Uma vez, depois do jantar de Ação de Graças, o Porter e a June estavam a preparar-se para sair, quando as crianças ainda eram pequenas, e a June ia a caminho da porta com o bebé ao colo e o Danny agarrado ao casaco dela com aquela carrada de brinquedos e tralhas, quando o Porter grita assim de repente: «Alto!», e começa a ler uma daquelas tiras de caixa registadora onde escreve as suas listas: *biberões, cobertor, fraldas, leite que estava no frigorífico...* A June olhou simplesmente para as outras duas e encolheu os ombros.

— Talvez não fosse assim tão má ideia — disse Macon. — Se pensarmos em como era a June.

— Pois não. E repara que a lista estava organizada por ordem alfabética, além disso — anuiu Rose. — Eu cá sempre achei que pôr as coisas por ordem alfabética nos ajuda a destrinçar o caos.

A cozinha de Rose era tão rigorosamente organizada por ordem alfabética, que o vinagre estava ao lado do veneno para formigas. Tinha imensa moral para falar dos homens Leary.

— Seja como for — continuou ela. — A Sarah tem dado notícias, desde que se foi embora?

— Apareceu por cá uma ou duas vezes. Uma, aliás — admitiu Macon. — Para buscar algumas coisas que lhe faziam falta.

— Que género de coisas?

— Uma panela de banho-maria, por exemplo. Coisas assim.

— Era uma desculpa, então — respondeu Rose imediatamente. — Podia ter comprado uma panela de banho-maria em qualquer loja.

— Ela explicou que gostava da nossa.

— Queria era saber como tu estavas. Ainda se preocupa contigo. Falaram um com o outro?

— Não — disse Macon. — Entreguei-lhe só a panela. Além daquele saca-rolhas esquisito.

— Oh, Macon. Devias tê-la convidado para entrar!

— Tive medo que ela dissesse que não — confessou ele.

Fez-se silêncio.

— Pronto. Enfim — acabou Rose por dizer.

— Mas estou a aguentar-me!

— Sim, é claro que estás — concordou ela.

Depois, disse que tinha uma coisa no forno e desligou.

Macon foi até à janela do escritório. Era um dia quente de início de julho, o céu tão azul que lhe doeu nos olhos. Encostou a testa ao vidro e ficou a olhar para o jardim, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás das calças de caqui. Num dos carvalhos, um pássaro cantava aquilo que lhe pareceram as três primeiras notas de *My Little Gypsy Sweetheart*. «Dorme bem», chilreava ele. Macon perguntou-se se até mesmo aquele instante acabaria por se tornar algo que um dia mais tarde recordaria nostalgicamente. Era provável que não; não se conseguia lembrar de nenhum período mais sombrio do que este na sua vida, embora também já tivesse reparado que o tempo tinha o condão de colorir as coisas. Aquele pássaro, por exemplo, tinha uma voz tão pura, tão doce, tão penetrante.

Virou as costas à janela, tapou a máquina de escrever e saiu da divisão.

Já não comia refeições a sério. Quando tinha fome, bebia um copo de leite ou servia-se de uma colher de gelado diretamente da caixa. Depois do mais pequeno petisco, sentia-se empanturrado e pesado, mas, quando se vestia de manhã, reparava que parecia estar a emagrecer. O colarinho da camisa ficava-lhe largo à volta do pescoço. O sulco vertical entre o nariz e a boca tinha-se aprofundado de tal forma que lhe custava barbear-se ali. O cabelo, que Sarah lhe costumava cortar, estava projetado sobre a testa como uma pala. E qualquer coisa tinha feito as pálpebras inferiores cair. Sempre tivera olhos estreitos, duas fendas cinzentas; agora, estavam arregalados e surpreendidos. Seria um sinal de desnutrição?

O pequeno-almoço: o pequeno-almoço era a refeição mais importante do dia. Ligou a cafeteira e a frigideira elétricas a uma tomada com relógio no parapeito do quarto, para se ligarem sozinhas de manhã. É claro que estava a arriscar uma intoxicação alimentar, deixando dois ovos crus à temperatura ambiente a noite inteira, mas, quando mudou de ementa, o problema deixou de se pôr. Era preciso ser flexível nestas matérias. Agora, acordava com o cheiro a café fresco e pipocas com manteiga, e podia tomar os dois sem se levantar da cama. Oh, estava mesmo a aguentar-se às mil maravilhas! Tudo somado.

As noites, no entanto, eram péssimas.

Não se dava o caso de lhe custar a adormecer: isso era fácil. Via televisão até os olhos lhe arderem; depois, subia a escada. Abria a torneira do duche e espalhava as roupas na banheira. Às vezes, ainda pensava em saltar essa parte, mas não queria deixar o seu sistema atrasar-se. Assim, cumpria religiosamente cada passo: pendurar a roupa, preparar as coisas do pequeno-almoço, limpar os dentes com fio dental. Não conseguia ir para a cama sem usar fio dental. Sabe-se lá porquê, Sarah achava isso irritante. Se Macon fosse condenado à morte, queixara-se ela um dia, e lhe dissessem que ia ser fuzilado na manhã seguinte, de certeza que continuaria a insistir em usar o fio dental na noite anterior. Depois de refletir sobre o assunto, ele concordara que sim. Pois claro que o faria. Não usara o fio dental quando tivera pneumonia? No hospital, com pedras na vesícula? Num motel, na noite em que o filho foi morto? Inspeccionou os dentes ao espelho. Nunca ficavam completamente brancos, apesar de todos os seus cuidados. E agora parecia-lhe que a pele também estava a ganhar um tom amarelado.

Desligava as luzes, afastava a gata e ajudava o cão a subir para a cama. O cão era um *corgi* galês, de pernas curtas, mas adorava dormir na cama, pelo que todas as noites se punha de pé nas patas de trás, apoiando as da frente no colchão enquanto olhava expectante para Macon até que ele o puxasse para cima. Depois, acomodavam-se os três. Macon enfiava-se no seu envelope, a gata enroscava-se num lugar quentinho encostada a ele e o cão deixava-se cair aos pés da cama. Por fim, Macon fechava os olhos e adormecia.

A dada altura, no entanto, acabava por ficar consciente dos seus próprios sonhos — não arrastado por eles, mas desenvolvendo-os laboriosamente, a discutir pormenores consigo mesmo. Quando lhe ocorria que talvez afinal estivesse acordado, abria os olhos e virava-se para o rádio-despertador. Era apenas uma da manhã. No máximo, duas. Ainda tinha tantas horas pela frente.

O cérebro fervilhava-lhe com pequenas preocupações. Teria deixado a porta das traseiras destrancada? Ter-se-ia esquecido de guardar o leite? Teria passado um cheque com o saldo inteiro da conta, em vez do valor da fatura do gás? Lembrou-se de repente de que tinha aberto uma lata de sumo e que a tinha guardado no frigorífico. A oxidação das junções metálicas! Que resultava no envenenamento por chumbo!

As preocupações mudaram, aprofundaram-se. Perguntou-se o que teria corrido mal no casamento. Sarah tinha sido a sua primeira e única namorada; agora, ocorreu-lhe que devia ter treinado antes com outra pessoa. Durante os vinte anos de casamento, tinha havido alturas — tinha havido meses — em que não sentia que tivessem realmente formado uma unidade, como supostamente fazem os casais. Não: tinham permanecido duas pessoas distintas e nem sempre tinham sido sequer amigos. Às vezes, pareciam mais rivais, a acotovelarem-se, a competir sobre quem era a melhor pessoa. Seria Sarah, descuidada e imprevisível? Ou seria Macon, metódico e constante?

Quando Ethan nasceu, só fez sobressair ainda mais as diferenças. Coisas que tinham aprendido a ignorar um no outro voltaram à superfície. Sarah nunca tinha horários para nada com o filho, era permissiva e despreocupada. Quanto a Macon (oh, ele sabia-o, admitia-o), tinha estado tão empenhado em preparar o filho para qualquer eventualidade, que não tivera tempo de o apreciar. A imagem de Ethan aos 2 e aos

4 anos surgiu-lhe tão nitidamente nas retinas como um filme a cores projetado no teto do quarto. Era um menino risonho e transbordante, com Macon curvado por cima dele a esfregar-lhe as mãos. Aos 6 anos, Macon tinha feito questão de lhe ensinar a empunhar um taco de basebol. Ficaria de coração partido se o filho fosse o último a ser escolhido para as equipas.

— Porquê? — perguntou Sarah. — Se ele for o último a ser escolhido, que seja. Qual é o problema?

Qual é o problema! A vida estava tão cheia de coisas que não podíamos controlar; o mínimo que se podia fazer era tentar evitar algumas delas. Ela riu-se quando Macon passou um outono inteiro a colecionar *Wacky Packs*, umas saquetas de autocolantes com bonecos divertidos que Ethan gostava de colar na porta do quarto. Macon prometeu a si mesmo que o filho teria mais autocolantes do que qualquer outra criança na terceira classe. Muito depois de Ethan ter perdido o interesse, ele continuava teimosamente a trazê-las para casa. Sabia que era ridículo, mas ainda lhes faltava um último autocolante na coleção...

Ethan tinha ido para um acampamento de verão aos 12 anos — fazia agora um ano, quase certinho. A maioria dos rapazes começava mais cedo, mas Macon tinha preferido adiar. De que vale ter um filho, perguntou ele a Sarah, se depois o mandamos para um sítio qualquer perdido algures nos confins da Virgínia? Quando finalmente cedeu, Ethan já estava no grupo dos mais velhos: um rapaz alto e loiro, esguio como um rebento, com uma cara franca e simpática e o tique adorável de saltitando nas pontas dos pés quando estava nervoso.

Não penses nisso.

Foi assassinado num Burger Bonanza na segunda noite do acampamento. Foi uma daquelas mortes que não fazem sentido absolutamente nenhum — do tipo em que o ladrão já pegou no dinheiro e pode ir embora à vontade, mas resolve em vez disso disparar primeiro na nuca de toda e cada uma das pessoas lá dentro.

Ethan nem sequer lá devia estar. Tinha-se escapulado do acampamento com um colega de camarata, que ficou lá fora de vigia.

Culpa do acampamento, por não ter mais cuidado. Culpa do Burger Bonanza, pela falta de segurança. Culpa do colega de camarata, por não ter entrado com ele, talvez alterando assim com a sua mera presença

o resultado final. (De vigia ao quê, pelo amor de Deus?) Culpa de Sarah, por ter deixado o filho ir ao acampamento; culpa de Macon, por ter concordado a contragosto; culpa até — sim, porra! — do próprio Ethan. Culpa do filho por ter querido ir ao acampamento, por se ter escapulado e por ter entrado num Burger Bonanza como um idiota estouvado enquanto estava a decorrer um assalto. Culpa dele, por ter ido obedientemente com os outros até à cozinha, por ter encostado as mãos à parede como lhe mandaram e por se ter posto evidentemente a saltitar nas pontas dos pés...

Não penses nisso.

O diretor do acampamento não lhes quis dar a notícia ao telefone e meteu-se no carro até Baltimore para lhes contar pessoalmente. Depois, conduziu-os aos dois até à Virgínia. Macon lembrava-se com bastante frequência do diretor. Jim, chamava-se ele; Jim Robinson, ou talvez Robertson — um homem corpulento de patilhas brancas e cabelo à escovinha, com um casaco de fato amarfanhado por cima de uma *T-shirt* dos Redskins, como que em sinal de respeito. Parecia incomodado com o silêncio e fazia o possível por preenché-lo com pequenos fragmentos abruptos de conversa. Macon não o tinha ouvido, ou pelo menos julgava que não, mas agora todos esses fragmentos lhe voltavam de vez em quando à memória. Que a mãe de Jim era ela própria de Baltimore, nascida no ano em que Babe Ruth jogava nos Orioles. Que os tomateiros de Jim se andavam a portar de maneira estranha, produzindo apenas umas pequenas esferas verdes que caíam dos ramos antes de amadurecerem. Que a mulher de Jim tinha terror de conduzir em marcha-atrás e evitava toda e qualquer situação que o exigisse. Macon pensava muito nisso, agora, quando estava deitado na cama à noite. Seria mesmo possível conduzir um carro sem nunca fazer marcha-atrás? E nos cruzamentos, quando um motorista de autocarro espreita pela janela e nos pede para recuar uns metros para conseguir virar? A mulher recusar-se-ia? Macon imaginava-a a olhar em frente, firme e desafiante, fingindo que não reparava. O motorista a passar aos impropérios, as buzinas a tocar, os outros condutores aos berros: «Oh, minha senhora!» Era uma bela imagem. Guardava-a bem presente na memória.

Finalmente, acabava por se sentar e desenvencilhar-se do lençol. O cão sacudia-se com um suspiro e saltava da cama para descer a escada

atrás dele. As tábuas do soalho estavam frias por baixo dos pés descalços de Macon, e o linóleo da cozinha mais ainda; o frigorífico projetava a sua luz esbranquiçada enquanto ele se servia de um copo de leite. Ia para a sala e ligava a televisão. Geralmente, estava a passar um filme a preto-e-branco: os homens de fato e chapéu de feltro, as mulheres com ombreiras almofadadas. Não tentava seguir o enredo. Dava pequenos goles regulares de leite, sentindo o cálcio instalar-se-lhe nos ossos. Não tinha lido algures que o cálcio faz bem às insónias? Afagava distraidamente a gata, que sabe-se lá como se tinha instalado no seu colo. Estava demasiado calor para ter um gato ao colo, especialmente aquele — uma fêmea de pelo cinzento e desgrenhado que parecia feita de uma substância invulgarmente densa. E o cão, na maior parte das vezes, sentava-se por seu turno em cima dos pés dele.

— Só sobramos nós, velhos companheiros — dizia-lhes Macon. A gata deixava uma gota de suor nas suas coxas nuas.

Por fim, escapulia-se de debaixo dos animais e desligava a televisão. Punha o copo na solução de lixívia da pia da cozinha e subia a escada. Ficava à janela do quarto a olhar para o bairro: ramos negros rabiscados no céu noturno arroxeados, o brilho das ripas de madeira brancas que forravam as fachadas aqui e ali, ocasionalmente uma luz acesa. Macon ficava sempre reconfortado quando via alguma luz acesa. Havia mais alguém que também não conseguia dormir, presumia. Desagrava-lhe considerar outras hipóteses: uma festa, por exemplo, ou uma conversa íntima noite fora entre velhos amigos. Preferia acreditar que havia mais alguém acordado sozinho, como ele, enquanto tentava afastar os maus pensamentos. Fazia-o sentir-se muito melhor. Voltava para a cama. Deitava-se. Fechava os olhos e, sem sequer tentar, adormecia outra vez.

### 3

Sarah telefonou a Macon e perguntou-lhe se podia ir buscar o tapete azul-escuro da sala de jantar.

— O tapete azul-escuro — repetiu Macon. (Estava a tentar ganhar tempo.)

— Só te peço porque seja como for nunca gostaste dele — acrescentou Sarah. — Dizias que era um erro ter um tapete por baixo do sítio onde as pessoas comem.

Pois era, evidentemente. Um sorvedouro de migalhas, sentenciara. Completamente anti-higiénico. Mas, então, porque sentia agora aquela necessidade súbita e angustiante de ficar com o tapete?

— Estás aí, Macon?

— Sim, estou.

— Então, importas-te que eu vá buscá-lo?

— Não, acho que não.

— Ah, ainda bem. O meu apartamento tem o chão sem nada, e não fazes ideia de como...

Ela viria buscar o tapete e ele convidá-la-ia a entrar. Oferecer-lhe-ia um copo de xerez. Sentar-se-iam no sofá com o xerez e ele diria: «Tens tido saudades minhas, Sarah?» Ou melhor: «Tenho tido tantas saudades tuas, Sarah.»

Ela diria...

— Tinha pensado em dar aí um pulo no sábado de manhã, se te der jeito — disse ela.

Ninguém bebe xerez de manhã.

Além disso, ele não ia lá estar.

— Tenho um voo para Inglaterra amanhã à tarde — respondeu.

— Ah, é outra vez altura de Inglaterra?

— Talvez possas vir hoje à noite.

— Não, o meu carro está na oficina.

— O teu carro? O que lhe aconteceu?

— Bem, eu ia a conduzir e... Sabes aquela luzinha vermelha do lado esquerdo do *tablier*?

— O quê, a luz da pressão do óleo?

— Sim, e então eu pensei: «Bem, vou chegar atrasada ao dentista se parar agora a tratar disto, e de qualquer maneira o carro parece estar a andar bem, por isso...»

— Espera aí. Estás a dizer-me que a luz vermelha acendeu? E que tu continuaste a conduzir?

— Bem, não havia nenhum barulho esquisito e o carro estava a portar-se normalmente, por isso achei...

— Valha-me Deus, Sarah.

— O que é que tem de tão horrível?

— Provavelmente, deste cabo do motor.

— Não, não dei cabo de motor nenhum, para tua informação. Só precisa de um pequeníssimo arranjo muitíssimo simples, que infelizmente vai demorar alguns dias. Mas pronto, deixa estar. Eu tenho a chave. Posso tratar do assunto sozinha no sábado de manhã.

— Também te posso levar o tapete.

— Eu espero até sábado.

— Mas assim eu podia ver o teu apartamento novo — disse Macon.  
— Nunca lá entrei...

— Não, ainda não está tudo pronto.

— Isso não me faz diferença nenhuma.

— Está uma desgraça. Ainda não há absolutamente nada no sítio.

— Como é que pode não haver absolutamente nada no sítio? Já estás aí a viver há mais de um mês.

— Desculpa se nem toda a gente é tão maravilhosa, eficiente e perfeita como tu, Macon.

— Não precisas de ser eficiente e perfeita para...

— Às vezes — confessou Sarah —, nem sequer consigo despir o roupão.

Macon ficou calado.

— Devia ter aceitado dar aquelas aulas de verão — continuou Sarah. — Ou qualquer coisa que desse alguma forma à vida. Abro os olhos de manhã e penso: «Para que é que me hei de levantar?»

— Eu também — confessou Macon.

— Para quê comer? Para quê respirar?

— Eu também, querida.

— Macon, achas que aquele homem faz a mais pequena ideia? Apetece-me ir visitá-lo à prisão, Macon. Apetece-me sentar-me do outro lado das grades, do vidro ou lá o que é, e dizer: «Olha para mim. Olha bem para mim. Vê só o que fizeste. Não te limitaste a matar aquelas pessoas com a tua arma; mataste muitas outras pessoas além delas. Os teus atos vão continuar para sempre. Não mataste apenas o meu filho: mataste-me a mim, mataste o meu marido. Quer dizer, eu nem sequer consigo pendurar as cortinas de minha casa! Compreendes o que fizeste?» Depois, quando tiver a certeza de que ele percebeu, que compreende o que fez e que é uma coisa absolutamente terrível, apetece-me abrir a mala, tirar uma pistola e enfiar-lhe um balázio entre os olhos.

— Oh, querida...

— Achas que estou só a delirar, não achas? Mas juro-te uma coisa, Macon: até parece que consigo sentir o coice na palma da mão ao disparar a arma. Nunca disparei uma arma na vida, nunca... meu Deus, acho que nem sequer *vi* uma arma! Não é esquisito? O Ethan viu. O Ethan teve uma experiência acerca da qual nem tu nem eu conseguimos ter a mínima ideia. Mas confesso que às vezes dou por mim a esticar a mão com o polegar levantado, como quando as crianças brincam aos *cowboys*, e a premir o gatilho, e que seria a sensação mais deliciosa do mundo.

— Sarah... Não te faz nada bem falar dessa maneira.

— Ah, não? Então como é que eu devia falar?

— O que eu quero dizer é que, se te deixares enfurecer assim, ainda vais ficar... consumida. Vais arder por dentro. Não é produtivo.

— Ah, produtivo! Meu Deus, tens toda a razão, não vamos perder o nosso tempo com nada que possa ser improdutivo.

Macon massajou a testa.

— Só acho que não devemos ter esse género de pensamentos, Sarah.

— Para ti é fácil.

— Não, para mim não é nada fácil, raios...

— Fecha só a porta, Macon. Dá meia-volta e vai-te embora. Faz de conta que nunca aconteceu nada. Vai arrumar as ferramentas, em vez

disso: podes organizar as chaves de porcas da maior para a mais pequena, em vez de da mais pequena para a maior. Assim sempre te divertes.

— Que porra, Sarah!

— Não me digas palavrões, Macon Leary!

Calaram-se os dois.

— Enfim — disse Macon.

— Seja como for — acrescentou Sarah.

— Suponho então que vás passar por cá quando eu não estiver — disse ele.

— Se não te importares.

— Não, é claro que não — concordou Macon.

Ainda assim, sentiu uma estranha inquietação quando desligou, como se estivesse a deixar entrar uma estranha. Como se ela pudesse ir embora com mais do que apenas o tapete da sala de jantar.

\*

Vestiu o fato mais confortável que tinha, para a sua viagem a Inglaterra. *Um fato é mais do que suficiente*, aconselhava nos seus guias, *desde que levemos connosco um pequeno tira-nódoas de viagem*. (Macon conhecia todos os produtos que vinham em pequenos tamanhos de viagem, do desodorizante à graxa de sapatos.) *O fato deve ser cinzento-médio. O cinzento não só disfarça a sujidade, como pode ser útil em funerais inesperados e outros acontecimentos formais, sem ser demasiado sombrio para o dia a dia*.

Fez uma mala com o mínimo de roupa possível e um estojo de barbear. Um exemplar do seu último guia sobre Inglaterra. Um romance para ler no avião.

*Leve apenas o que possa caber numa mala de cabine. Despachar a bagagem é estar a pedir problemas. Não se esqueça de levar várias saquetas de bolso de detergente, para não cair nas mãos de lavandarias estrangeiras*.

Quando acabou de fazer a mala, sentou-se no sofá a descansar. Ou talvez não exatamente a descansar, mas a recompor-se — como um homem que respira fundo várias vezes antes de mergulhar num rio.

Os móveis eram de linhas direitas e curvas suaves. Partículas de pó flutuavam num fio de luz. Que vida pacata, a que tinha ali! Noutro dia qualquer, estaria a fazer café instantâneo. Deitaria a colher na pia e

ficaria de pé a beber da caneca, com a gata a serpentear-lhe entre os pés. Depois, talvez abrisse o correio. Esses gestos pareciam-lhe agora queridos e delicados. Como é que podia ter-se queixado do tédio? Em casa, tinha tudo organizado à sua volta de tal forma que mal precisava de pensar. Em viagem, até a mais pequena tarefa exigia esforço e decisões.

Quando faltavam duas horas para o voo, levantou-se. O aeroporto ficava a trinta minutos de carro, no máximo, mas odiava sentir-se com pressa. Fez uma última ronda pela casa, passando pela casa de banho do rés do chão — a última casa de banho a sério (era assim que pensava nela) que veria durante uma semana. Chamou o cão com um assobio. Pegou na mala e saiu pela porta da frente. O calor bateu-lhe como algo sólido.

O cão só ia com ele até ao veterinário. Se o soubesse, nunca teria saltado para o carro. Estava sentado ao lado de Macon, a ofegar entusiasmado, o corpo em forma de barril atento e cheio de expectativa. Macon falou com ele num tom que esperava ser tranquilizador.

— Está calor, não está, Edward? Queres o ar condicionado ligado?  
— Ajustou os comandos. — Pronto. Está melhor assim?

Havia qualquer coisa untuosa na sua voz. Talvez Edward também o tivesse notado, porque parou de arfar e lançou-lhe um olhar súbito e desconfiado. Macon decidiu não dizer mais nada.

Foram avançando pelo bairro, com as ruas cobertas por um arco de árvores. Entraram numa zona mais soalheira, cheia de lojas e bombas de gasolina. À medida que se aproximavam da Murray Avenue, Edward começou a choramingar. No parque de estacionamento do hospital veterinário, tornou-se de alguma forma num animal muito mais pequeno.

Macon saiu do carro e deu a volta para abrir a porta. Quando agarrou na coleira de Edward, o cão cravou as garras nos estofos. Teve de ser arrastado durante todo o caminho até ao edifício, a arranhar o cimento escaldante.

A sala de espera estava vazia. Um aquário de peixinhos-dourados borbulhava num canto, com um póster a cores por cima a ilustrar o ciclo de vida da *Dirofilaria immitatis*, causadora da dirofilariose. Havia uma rapariga num banco atrás do balcão, uma pessoa pequena e franzina com um *top* de alças.

— Trouxe o meu cão para ficar cá uns dias — disse Macon. Teve de erguer a voz para se fazer ouvir por cima dos gemidos de Edward.

Sem parar de mascar pastilha elástica, a rapariga entregou-lhe um formulário impresso e um lápis.

— Já cá esteve? — perguntou.

— Sim, muitas vezes.

— Qual é o apelido?

— Leary.

— Leary, Leary — repetiu ela, folheando uma caixa de fichas. Macon começou a preencher o formulário. Edward estava agora de pé nas patas traseiras e agarrado aos joelhos de Macon, como uma criança com medo do infantário.

— 'Pera aí — disse a rapariga.

Franziu o sobrolho perante a ficha que tinha puxado.

— Edward? — perguntou. — De Rayford Road?

— Exato.

— Não o podemos aceitar.

— Perdão?

— Diz aqui que mordeu um funcionário. «Mordeu o Barry no tornozelo, não readmitir.»

— Ninguém me contou.

— Então, deviam ter contado.

— Ninguém me disse absolutamente nada! Deixei-o aqui em junho, quando fomos à praia. Quando voltei, entregaram-mo sem dizer nada.

A rapariga piscou os olhos, inexpressiva.

— Oiça — disse Macon. — Vou a caminho do aeroporto. Tenho um avião para apanhar daqui a bocadinho.

— Estou só a cumprir ordens — desculpou-se a rapariga.

— E o que é que o fez reagir assim, em todo o caso? — quis saber Macon. — Alguém pensou nisso? Talvez o Edward tenha tido uma boa razão para fazer o que fez!

A rapariga voltou a piscar os olhos. Edward tinha-se posto novamente com as quatro patas no chão e estava a olhar interessado para cima, como se fosse capaz de seguir a conversa.

— Ah, que se lixe! — atirou Macon. — Vamos embora, Edward.

Não precisou de o segurar pela coleira ao saírem. Edward galopou à sua frente todo o caminho até ao parque de estacionamento.

Naquele curto espaço de tempo, o carro tinha-se transformado num forno. Macon abriu os vidros e ficou ali sentado com o motor a trabalhar ao ralenti. E agora? Ainda pensou em ir a casa da irmã, mas ela provavelmente também não queria ficar com Edward. Para dizer a verdade, não era a primeira vez que havia queixas. Na semana anterior, por exemplo, Charles, um dos irmãos de Macon, tinha passado por lá para pedir uma fresadora emprestada e Edward arremeteu contra os calcanhares dele em círculos, dando-lhe furiosas mordidelas nas bainhas das calças. Charles ficou tão atônito que se limitou a virar a cabeça lentamente, de boca aberta, a olhar para baixo.

— O que é que se passa com ele? — perguntou. — O bicho não costumava fazer isto.

Depois, quando Macon lhe agarrou na coleira, Edward rosnou. Arreganhou o lábio superior e rosnou. Seria possível que um cão pudesse ter um esgotamento nervoso?

Macon não percebia lá muito de cães. Preferia gatos. Gostava da maneira como os gatos se mantinham reservados em relação aos humanos. Só ultimamente tinha começado a prestar atenção a Edward. Agora que estava tantas vezes sozinho, dera-lhe para falar em voz alta com ele, ou às vezes ficava só a observá-lo. Admirava os olhos castanhos e inteligentes de Edward e a sua carinha de raposa. Apreciava os caracóis cor de mel que irradiavam simetricamente do focinho dele. E o andar! Ethan costumava dizer que Edward andava como se tivesse areia dentro dos calções de banho. As ancas bambolevam-se atarefadamente; as pernas curtas pareciam articuladas por um mecanismo bastante mais primitivo do que as pernas dos cães mais altos.

Macon pôs-se a conduzir a caminho de casa, à falta de melhor ideia. Pensou no que poderia acontecer se deixasse Edward entregue a si próprio como fazia com a gata, com bastante comida e água. Não. Ou talvez Sarah pudesse lá passar duas ou três vezes ao dia, para ver como ele estava? Recuou perante essa hipótese; significava ter de lhe pedir. Significava marcar aquele número que nunca tinha usado e pedir-lhe um favor.

HOSPITAL VETERINÁRIO MEOW-BOW, dizia um letreiro do outro lado da rua. Macon travou e Edward caiu para a frente.

— Desculpa — disse-lhe Macon. Virou à esquerda para o parque de estacionamento.

A sala de espera do Meow-Bow cheirava tremendamente a desinfetante. Atrás do balcão, estava uma jovem magra com uma blusa de folhos. Tinha o cabelo preto agressivamente frisado a cair-lhe sobre os ombros como um toucado árabe.

— Olá — disse Macon. — Têm alojamento para cães? — indagou ele.

— É claro.

— Então, queria deixar o Edward.

A rapariga esticou-se por cima do balcão para espreitar. Edward arfou alegremente de cabeça levantada. Era evidente que ainda não tinha percebido que tipo de sítio era aquele.

— Fez reserva? — perguntou a rapariga a Macon.

— Reserva? Não.

— A maioria das pessoas faz reserva.

— Não fazia ideia.

— Especialmente no verão.

— Não pode abrir uma exceção?

Ela ponderou no assunto, franzindo o sobrolho enquanto olhava para Edward. Tinha uns olhos pequeninos, como sementes de cominho, e uma cara afilada e sem cor.

— Por favor — pediu Macon. — Tenho um voo daqui a pouco. Vou-me embora durante uma semana e não tenho ninguém que possa tomar conta dele. Estou mesmo desesperado.

Pelo olhar que ela lhe lançou, percebeu que a tinha surpreendido de alguma forma.

— Não pode deixá-lo em casa com a sua mulher? — perguntou a rapariga.

Ele pôs-se a pensar em como é que o cérebro dela funcionaria.

— Se pudesse fazer isso — respondeu —, porque é que estaria aqui à sua frente?

— Ah — disse ela. — Quer dizer que não é casado?

— Enfim, sou, mas ela está... a viver noutro lado. E não aceitam animais.

— Ah.

Saiu de trás do balcão. Tinha uns calções vermelhos muitíssimo curtos; as pernas esguias como palitos.

— Eu também sou divorciada — comentou. — Sei perfeitamente pelo que está a passar.

— E repare — disse Macon. — Eu costume deixá-lo num sítio, mas agora dizem-me que ele morde. Dizem que mordeu um funcionário e que já não o podem aceitar.

— Edward? Não me digas que mordes! — ralhou a rapariga.

Macon apercebeu-se de que talvez não o devesse ter mencionado, mas a rapariga pareceu encaixar a informação com naturalidade.

— Como é que podes fazer uma coisa dessas? — perguntou ela a Edward. O cão sorriu-lhe e dobrou as orelhas para trás, à espera de uma festinha. Ela inclinou-se e fez-lhe uma festa na cabeça.

— Então, sempre fica com ele? — quis saber Macon.

— Acho que sim — disse ela, endireitando-se. — Já que está desesperado.

Carregou na palavra, fixando Macon com aqueles pequenos olhos castanhos, como se lhe estivesse a dar mais peso do que ele tencionara.

— Preencha isto — pediu, estendendo-lhe um formulário que tirou de cima de uma pilha no balcão. — Nome e morada e data de regresso. Não se esqueça de escrever quando volta.

Macon assentiu, desenroscando a tampa da caneta de tinta permanente.

— O mais provável é que nos voltemos a ver quando o vier buscar — disse ela. — Quer dizer, se puser a hora a que o devemos esperar. Chamo-me Muriel.

— Este sítio está aberto à noite? — perguntou Macon.

— Todas as noites menos aos domingos. Até às oito.

— Ah, ainda bem.

— Muriel Pritchett — acrescentou ela.

Macon preencheu o formulário enquanto a rapariga se ajoelhava para tirar a fivela à coleira de Edward. O cão lambeu-lhe a maçã do rosto; deve ter pensado que ela estava só a ser simpática. Por isso, quando Macon acabou de escrever, não se despediu. Deixou o formulário no balcão e saiu à pressa, com uma mão no bolso para abafar o tilintar das chaves.

No voo para Nova Iorque, sentou-se ao lado de um homem com ar de estrangeiro e bigode. O homem tinha uns auscultadores nos ouvidos, de um daqueles gravadores em miniatura. Perfeito: não havia perigo de conversa. Macon recostou-se no lugar, satisfeito.

Aprovava aviões. Quando o tempo estava calmo, nem se notava que nos estávamos a mover. Podia-se fingir que se estava sentado em segurança em casa. A vista da janela era sempre a mesma, céu e mais céu, e o interior do avião era praticamente intermutável com o de qualquer outro.

Não aceitou nada do carrinho das bebidas, mas o homem ao seu lado tirou os auscultadores para pedir um *Bloody Mary*. Uma melodia metálica e intrincada do Médio Oriente saiu sussurrante das esponjas cor-de-rosa dos auscultadores. Macon olhou para a maquinetica e pensou se não deveria comprar uma. Não para ouvir música, cruz-credo (já havia barulho a mais no mundo), mas para se isolar. Podia ligar-se a ela e ninguém o incomodaria. Podia pôr a tocar uma cassete em branco: trinta minutos inteiros de silêncio. Virar a cassete e ouvir mais trinta minutos.

Aterraram no aeroporto J. F. Kennedy e Macon apanhou um autocarro de ligação para o voo seguinte, que só estava marcado para a noite. Depois de se instalar no terminal, pôs-se a preencher umas palavras cruzadas do *New York Times* do domingo anterior que tinha guardado para aquela ocasião. Estava sentado dentro de uma espécie de barricada — a mala numa cadeira, o casaco do fato noutra. As pessoas circulavam à volta dele, mas mantinha os olhos assestados na página, passando ao acróstico assim que terminou as palavras cruzadas. Quando resolveu os dois passatempos, já estava a começar o embarque.

A pessoa sentada ao lado dele era uma senhora de cabelo grisalho e óculos. Trazia uma manta de croché que devia ter feito ela mesma. Macon achou que não era bom sinal, mas conseguia lidar com a situação. Primeiro, azafamou-se a desapertar a gravata, a descalçar os sapatos e a tirar um livro da mala. Depois, abriu o livro e começou a ler ostensivamente.

O livro chamava-se *Miss MacIntosh, My Darling*, e tinha 1198 páginas. (*Leve sempre um livro, como proteção contra estranhos. As revistas não duram. Os jornais da sua localidade dão-lhe saudades e os jornais de fora vão lembrar-lhe que não pertence ali. Já reparou como o tipo de letra de outros jornais parece estranho?*) Andava a carregar com *Miss MacIntosh*

há vários anos. Tinha a vantagem de não ter enredo, tanto quanto percebia, mas era invariavelmente interessante, por isso podia abri-lo ao calhas. Sempre que erguia os olhos, tinha o cuidado de marcar um parágrafo com o dedo e manter uma expressão divertida na cara.

Ouviu-se o habitual murmúrio melífluo dos altifalantes sobre os cintos de segurança, as saídas de emergência e as máscaras de oxigénio. Ele pôs-se a pensar porque é que as hospedeiras carregavam em palavras tão improváveis. «No nosso voo desta noite *vamos* oferecer...» A mulher ao seu lado perguntou-lhe se queria um rebuçado.

— Não, obrigado — agradeceu Macon, e continuou a ler o livro.

Ela desembrolhou o papel e, pouco depois, o cheiro a hortelã chegou-lhe às narinas.

Recusou um *cocktail* e recusou o tabuleiro do jantar, embora tenha aceitado o leite que vinha com ele. Comeu uma maçã e uma caixinha de passas que tinha trazido na mala, bebeu o leite e foi à casa de banho para usar o fio dental e escovar os dentes. Quando voltou, o avião estava mais escuro, salpicado aqui e ali por candeeiros de leitura. Alguns passageiros já dormiam. A vizinha do lado tinha enrolado o cabelo em pequenas argolas, prendendo-as com ganchos. Macon achava espantoso como as pessoas se conseguiam descontraír nos aviões. Já tinha visto homens de pijama completo; já tinha visto mulheres lambuzadas em creme facial. Ficava-se com a ideia de que não sentiam necessidade de estar em guarda.

Inclinou o livro debaixo de um fino feixe de luz e virou a folha. Os motores tinham um som cansado e teimoso. Era o período que chamava de longa travessia — o intervalo entre o jantar e o pequeno-almoço, em que estavam suspensos sobre o oceano à espera daquele clarear do céu que era suposto chamar-se manhã, embora é claro que não fosse nada manhã, de onde tinha vindo. Para Macon, a manhã noutros fusos horários era como algo encenado: uma cortina pintada com um sol a nascer, sobreposta à escuridão verdadeira.

Deixou cair a cabeça contra o encosto e fechou os olhos. A voz de uma hospedeira, algures perto da frente do avião, intercalou-se com o zumbido dos motores.

— Estávamos sentadas sem ter nada para fazer, e só tínhamos o jornal de quarta-feira, e já sabes como parece que nunca acontece nada às quartas-feiras...

Macon ouviu um homem a falar-lhe ao ouvido, num tom calmo.

— Macon?

Mas nem virou a cabeça. Por esta altura, já conhecia as partidas que o som nos prega à noite nos aviões. Viu, por trás das pálpebras, a saboneteira no lava-loiças de casa: mais uma partida, esta concretude da imagem. Era uma saboneteira oval de porcelana pintada com rosas amarelas, com um restinho de sabão gasto e os anéis de Sarah, o anel de noivado e a aliança, tal como ela os tinha deixado quando saiu de casa.

— Já comprei os bilhetes — ouviu Ethan dizer. — E vão abrir as portas daqui a cinco minutos.

— Está bem — disse-lhe Macon. — Então, vamos planear a nossa estratégia.

— Estratégia?

— Onde nos vamos sentar.

— Para que é que precisamos de uma estratégia para isso?

— Foste tu que pediste para vir ver este filme, Ethan. Seria de esperar que te interessasses por onde te vais sentar. Ora bem, o meu plano é este. Tu vais até à fila da esquerda e contas as crianças pequenas. Eu conto a fila da direita.

— Oh, pai...

— Queres ficar sentado ao lado de um miúdo barulhento?

— Acho que não.

— E o que preferes: lugar de coxia?

— Tanto me faz.

— Coxia, Ethan? Ou no meio da fila? Deves ter alguma opinião.

— Nem por isso.

— No meio da fila?

— Não me faz diferença.

— Ethan... Faz uma diferença enorme. Na coxia, podes sair mais depressa. Por isso, se estiveres a pensar em comprar um *snack* ou ir à casa de banho, queres ficar na coxia. Por outro lado, vai estar toda a gente a empurrar-te para passar. Então, se achares que não te vais levantar do lugar, sugiro...

— Oh, pai, pelo amor de Deus! — queixou-se Ethan.

— Pronto — disse Macon. — Se é esse o tom que vais usar comigo, sentamo-nos onde calhar.

— Ótimo — suspirou Ethan.

— Ótimo — repetiu Macon.

Agora, virou mesmo a cabeça; abanou-a de um lado para o outro. Mas manteve os olhos fechados com força, e a seu tempo as vozes calaram-se, e ele mergulhou naquela penumbra inquieta que passa por sono quando viajamos.

\*

Ao amanhecer, aceitou uma chávena de café e tomou um comprimido de vitaminas que trazia na mala. Os outros passageiros pareciam baços e pálidos. A sua vizinha arrastou uma pequena mala inteira para a casa de banho e voltou toda penteada, mas com a cara inchada. Macon acreditava que viajar provoca retenção de líquidos. Quando calçou os sapatos, ficaram-lhe demasiado apertados, e quando se foi barbear encontrou umas almofadas de carne desconhecidas debaixo dos olhos. Ainda assim, estava melhor do que a maioria das pessoas, porque não tinha tocado em comida salgada nem bebido álcool. O álcool, esse, ficava mesmo retido. Quando se bebe álcool num avião, fica-se atordoado durante dias, acreditava Macon.

A hospedeira anunciou que horas eram em Londres, e houve um burburinho enquanto as pessoas acertavam os relógios. Macon ajustou o despertador digital que tinha no estojo de barbear. O relógio de pulso (que não era digital, mas um relógio a sério, com o tempo em círculos) deixou-o ficar como estava.

Aterraram abruptamente. Foi como ser chamado de volta à realidade pura e dura — toda aquela fricção repentina, os solavancos da pista, o rugido e a travagem. O altifalante começou a debitar lembretes corteses. A mulher ao lado de Macon dobrou a manta de croché.

— Estou tão entusiasmada — comentou. — Vou ver o meu neto pela primeira vez.

Macon sorriu e disse-lhe que esperava que corresse tudo bem. Agora que já não corria o risco de ficar preso na conversa, achou-a bastante simpática. Além disso, tinha um ar muito americano.

Em Heathrow, havia aquele ambiente habitual de um desastre recente qualquer. Algumas pessoas corriam de um lado para o outro,

distraídas, ao passo que outras ficavam paradas como refugiados rodeados de baús e embrulhos, e os funcionários fardados tentavam dar resposta a um tumulto de perguntas. Como não tinha de esperar pela bagagem, Macon passou pela burocracia da alfândega muito à frente dos outros. Depois, trocou dinheiro e apanhou o metro. *Recomendo o metropolitano a toda a gente, exceto àqueles que tenham medo de alturas, e mesmo a esses, desde que evitem as seguintes estações, que têm escadas-rolantes excepcionalmente inclinadas...*

Enquanto a carruagem chocalhava pela linha, foi separando por envelopes o dinheiro que tinha trazido de casa — cada envelope claramente marcado com uma denominação diferente. *(Escusa de andar a remexer em moedas desconhecidas, escusa de se deixar confundir com notas enganadoras, se separar e classificar de antemão o dinheiro estrangeiro.)* À sua frente, uma fila de caras observava-o. As pessoas tinham um aspeto diferente ali, embora não conseguisse dizer ao certo em quê. Pareciam-lhe ao mesmo tempo mais esbeltas e menos saudáveis. Uma mulher com um bebé irrequieto repetia «Pronto, querido. Pronto, querido», naquela voz inglesa clara, suspensa e sem esforço. Estava calor e a testa dela tinha um brilho macilento. Sem dúvida que a de Macon também. Enfiou os envelopes no bolso interior do casaco. A carruagem parou e entrou mais gente. Ficaram em pé, acima dele, agarrados, não a alças, mas a bolas presas a varas flexíveis, que Macon, da primeira vez que tinha ido a Inglaterra, tomara por uma espécie de microfone.

Estava hospedado em Londres, como de costume. A partir dali, fazia breves incursões a outras cidades, listando sempre apenas alguns hotéis e alguns restaurantes dentro de um raio pequeno e facilmente acessível em cada lugar; os seus guias eram tudo menos exaustivos. («Há muitos outros livros que explicam como ver o máximo possível de uma cidade», dissera-lhe o patrão. «Tu deves explicar como ver o mínimo.») O hotel de Macon chamava-se Jones Terrace. Teria preferido um hotel de uma cadeia americana, mas esses eram demasiado caros. O Jones Terrace servia-lhe bem, ainda assim — pequeno e bem cuidado. Pôs-se logo em ação para fazer com que o quarto se tornasse mais seu, arrancando a colcha feia e enfiando-a num armário, desfazendo a mala e escondendo-a. Mudou de roupa, lavou a que tinha vestido e pendurou-a no chuveiro. Depois, com um olhar melancólico para

a cama, saiu para tomar o pequeno-almoço. Não era nada perto da hora do pequeno-almoço na América, mas o pequeno-almoço era a refeição que os homens de negócios mais frequentemente tinham de arranjar por conta própria. Fazia questão de a investigar a fundo onde quer que fosse.

Foi a pé até ao Yankee Delight, onde pediu ovos mexidos e café. O serviço ali era excelente. O café veio imediatamente, e atestaram-lhe regularmente a chávena. Os ovos não sabiam aos ovos de casa, mas isso nunca acontecia. Qual seria a dificuldade de fazer bons ovos mexidos num restaurante? Faltava-lhes sempre o carácter, ou a coluna vertebral. Ainda assim, abriu o guia e pôs uma marca de visto ao lado do Yankee Delight. No fim da semana, aquelas páginas mal seriam legíveis. Teria riscado uns nomes, acrescentado outros e rabiscado algumas notas nas margens. Revisitava sempre as entradas anteriores — todos os hotéis e restaurantes. Era maçador, mas o patrão insistia.

— Pensa só no que diriam — explicava Julian — se um leitor entrasse num café que tu tivesses recomendado e o encontrasse tomado por vegetarianos.

Quando pagou a conta, foi pela rua abaixo até ao New America, onde pediu mais ovos e mais café.

— Descafeinado — acrescentou. (Por esta altura, já estava uma pilha de nervos.)

O empregado disse que não tinham descafeinado.

— Ah, não têm — respondeu Macon.

Depois de o empregado se afastar, Macon fez uma anotação no guia.

A terceira paragem foi num restaurante chamado U.S. Open, onde as salsichas estavam tão secas que pareciam ter sido cozidas no telhado. Não admirava: o U.S. Open fora recomendado por um leitor. Ah, os sítios que os leitores lhes sugeriam! Em tempos (antes de ter ganhado juízo), Macon reservara um quarto de motel apenas com base numa sugestão dessas para o *Turista Acidental na América* — algures em Detroit, ou seria em Pittsburgh? Enfim, numa cidade qualquer. Assim que olhou para os lençóis, foi a correr fazer o *check-out* e fugiu, atravessando a rua para se instalar num Hilton, cujo porteiro lhe arrebatou a mala com um grito de pena, como se Macon tivesse acabado de cambalear vindo do deserto. Nunca mais, jurou para consigo. Deixou as salsichas no prato e pediu a conta.

À tarde (por assim dizer), foi visitar hotéis. Falou com vários gerentes e inspecionou quartos-modelo, onde testava as camas, descarregava os autoclismos e olhava desconfiado para os chuveiros. A maioria mantinha os padrões, mais ou menos, mas tinha acontecido alguma coisa ao Royal Prince. A verdade era que parecia... bem, estrangeiro. Homens morenos e elegantes, em fatos justos de seda, sussurravam no átrio, enquanto crianças morenas pequeninas se perseguiam à volta das escarradeiras. Macon teve a sensação de se ter perdido ainda mais irremediavelmente do que de costume e ido parar ao Cairo. Senhoras em forma de cone, de véus negros compridos, atulhavam as portas giratórias, entrando vindas da rua com sacos de compras cheios de... o quê? Tentou imaginá-las a comprar calções de ganga desbotada e botas de cano alto até à coxa em rede cor-de-rosa — a mercadoria que tinha visto na maioria das montras.

— Bem... — tentou dizer ao gerente. Como abordar a questão? Odiava parecer mesquinho, mas os seus leitores preferiam evitar exotismos. — O hotel... hum... mudou de proprietário?

O gerente pareceu-lhe involuntariamente suscetível ao assunto. Empertigou-se e disse que o Royal Prince era propriedade de uma empresa, que sempre tinha sido e sempre seria da mesma empresa.

— Estou a ver — anuiu Macon. Saiu de lá com uma sensação de desençaixe do mundo.

Ao jantar, devia ter escolhido um sítio mais formal. Precisava de fazer uma lista com pelo menos um restaurante formal em cada cidade, para entreter clientes, mas não estava com cabeça para tal. Em vez disso, foi a um café de que gostava chamado My American Cousin. Os comensais ali tinham sotaque americano, e parte do pessoal também, e a anfitriã entregava à porta senhas com números. Se o número fosse chamado pelo altifalante, podia-se ganhar uma televisão, ou pelo menos uma reprodução a cores e emoldurada do restaurante.

Macon pediu um jantar reconfortante de legumes cozidos e duas costeletas de borrego, com um copo de leite. O homem da mesa ao lado também estava sozinho. Estava a comer uma boa empada de porco, e quando a empregada lhe ofereceu sobremesa, disse:

— Ah, ora deixe-me cá ver, talvez aceite um bocadinho — naquele tom lento, satisfeito, manhoso, de quem teve as mulheres da família a vida toda a encorajá-lo a pôr mais um pouco de carne nos ossos.

Macon, esse, escolheu o bolo de gengibre. Veio com natas, tal como em casa da avó.

Pelas oito horas, segundo o seu relógio de pulso, já estava na cama. Era cedo de mais, claro, mas só conseguia esticar o dia até certo ponto; para os ingleses, já era meia-noite. No dia seguinte, começaria as suas correrias a outras cidades. Escolheria alguns hotéis de referência, provaria alguns pequenos-almoços de referência. Café com cafeína e café sem cafeína. *Bacon* mal passado e demasiado passado. Sumo de laranja fresco, em lata e congelado. Mais chuveiros, mais colchões. Secadores de cabelo a pedido? Tomadas de 110 volts para máquinas de barbear? Quando adormeceu, sonhou com quartos anónimos a andarem à roda dele como num carrossel. Pareceu-lhe que suportes de mala em lona entranchada, aspersores no teto e listas plastificadas do que fazer em caso de incêndio se aproximavam, deslizavam para longe e voltavam a aproximar-se, vezes sem conta, durante o resto dos seus dias. Pareceu-lhe que Ethan ia montado num camelo de gesso e gritava «Apanha-me!» quando caía, mas Macon não conseguia chegar a tempo, e quando estendia os braços, Ethan tinha desaparecido.

\*

Um dos maus hábitos de Macon era começar a ficar ansioso por voltar para casa cedo de mais. Por mais curta que fosse a estada que tinha planejado, acabava sempre por decidir a meio que devia ir embora, que tinha exagerado nos dias, e que tudo o que era verdadeiramente necessário já estava feito — ou quase tudo, quase feito. Depois, gastava o resto da visita em telefonemas a agências de viagens, em idas frustrantes a balcões de companhias aéreas e em esperas que davam sempre em nada, de maneira que se via obrigado a regressar ao hotel onde tinha acabado de fazer o *check-out*. Prometia recorrentemente a si mesmo que aquilo não voltaria a acontecer, mas, de uma forma ou de outra, acontecia sempre. Em Inglaterra, aconteceu na quarta tarde. Que mais havia para fazer?, começou a questionar-se. Já não tinha apanhado a essência do sítio?

Bem, sejamos honestos — era sábado. Calhou reparar, ao registar a data no caderno de despesas, que em Baltimore era a manhã de sábado. Sarah haveria de passar por casa para buscar o tapete.

Da acarinhada autora vencedora do Prémio Pulitzer,  
um romance irresistível que explora a alquimia complexa  
da atração entre opostos, e a luta para se reconstruir  
a vida após uma tragédia impensável.

Macon Leary é um escritor de guias de viagens que detesta profundamente viajar, surpresas e tudo o que fuja à rotina. Após perder o filho de forma brutal e ver o casamento desmoronar, Macon refugia-se na solidão e na previsibilidade da rotina, tornando-se cada vez mais conflituoso e recluso, preso a uma total inflexibilidade em abdicar dos seus confortos habituais.

É então que conhece Muriel, uma excêntrica treinadora de cães cujo otimismo imparável impede que Macon se feche em si mesmo. Apesar dos melhores esforços de Macon para se manter isolado, Muriel vira do avesso a sua vida solitária e sistematizada, catapultando-o para o centro de uma história de amor confusa e bela, que ele nunca imaginara possível.

Uma história vibrante e intemporal sobre a felicidade inesperada, que exhibe o talento de Anne Tyler na criação de personagens e de relações que têm tanto de mágico como de familiar.

«Incandescente, comovente, arrebatador... É difícil imaginar que a ficção possa ser muito melhor do que isto.»

*The Washington Post*

Da mesma  
autora:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-183-2



9 789895 961832